

Indonésia

Bali - Seria previsível?

George Joffé

Com o atentado de Bali, as certezas e a simplicidade do 11 de Setembro e da guerra contra o terrorismo confrontam-se com a complexidade do Sudeste Asiático. Que lições se podem retirar de Bali para a luta antiterrorista?

Uma semana após o atentado de Bali, que provocou 183 vítimas mortais, das quais 106 australianos e 35 britânicos, a Austrália ainda está a tentar perceber o que aconteceu. Este país sempre gozou de uma sensação de isolamento perante os problemas do resto do mundo, apesar das ameaças japonesas na Segunda Guerra e da sua obsessão com a exclusão dos requerentes de asilo, mesmo sendo tão poucos – cerca de 4000 por ano! O governo de Howard beneficiou desta percepção de isolamento seguro para se apresentar como aliado fiel dos EUA, condenando o Iraque em termos quase tão severos como Londres e Washington. O sentimento de vulnerabilidade face às implicações da “guerra contra o terrorismo” era praticamente inexistente, apesar de alguns avisos ocasionais dos EUA e da crescente agitação na Malásia, em Singapura e, especialmente, nas Filipinas e na Indonésia – mesmo que, durante anos, Jacarta tenha sido considerada a mais imediata ameaça à segurança australiana. A facilidade da intervenção da Austrália em Timor-Leste explica, em parte, esta complacência, mas o resto fica a dever-se ao espaço, à distância e a uma população maioritariamente concentrada em cinco mega-cidades.

Falhas de análise

Agora, tudo mudou. E no entanto, estranhamente, não emergiu muita daquela raiva que se sucedeu aos atentados de Washington e Nova Iorque. Existe um sentimento de profundo horror, choque e tristeza mas, por enquanto, pouca raiva dirigida contra um mundo estrangeiro e hostil, que exige vingança. Talvez ainda surja, mas tal não parece muito provável num país onde, à excepção da questão aborígene, não existem tensões raciais minimamente significativas. A raiva que existe é dirigida contra o primeiro-ministro, John Howard, e o seu pomposo ministro dos Negócios Estrangeiros, Alexander Downing, por não terem avisado os australianos dos potenciais perigos. O Governo afirma que só lhe chegaram avisos pouco específicos e que não tinha bases para mandar

evacuar os seus cidadãos de Bali. O Governo é igualmente alvo do descontentamento popular pela demora na identificação e transladação dos cadáveres – mas a explosão foi tão forte que a maioria só pode ser identificada por testes de ADN, um processo lento.

É indesmentível, no entanto, que algo correu mal na análise de risco feita pela Austrália. Agora, argumenta-se que a ameaça do terrorismo – seja qual for a sua fonte – no Sudeste asiático e na Indonésia estava já latente, muito antes dos atentados. O fim do regime de Suharto, após o colapso económico de 1997, desmembrou um sistema político muito repressivo e criou condições para o crescimento de uma miríade de grupos, como o prova a violência em Amon, nas Molucas, em Aceh e mesmo em Timor-Leste. Depois, com o 11 de Setembro, os grupos filipinos, particularmente nas áreas muçulmanas, sentiram-se encorajados a alargar as suas actividades. Finalmente, é importante não esquecer que os representantes da al-Qaida usaram frequentemente o Sudeste Asiático como refúgio. Afinal, foi em Manila que Ramzi Youssef planeou o primeiro atentado ao World Trade Center e o plano para desviar sete aviões jumbo.

Mas também havia informação mais específica. No passado mês de Dezembro, foi planeada uma operação de vulto por um grupo obscuro, alegadamente centrado num clérigo egípcio baseado na Indonésia, Abu Baker Ba'asyir, para destruir as embaixadas americana, britânica e israelita em Singapura, com sete carros fortemente armadilhados. Os envolvidos foram detidos mesmo a tempo. Em Junho, as autoridades indonésias detiveram, discretamente, um cidadão do Koweit, Omar al-Faruq, casado com uma indonésia, que vivia tranquilamente perto de Jacarta. Entregue aos americanos, – era, aparentemente, o representante local da al-Qaida – forneceu informações sobre acções planeadas para a região, mas não tão específicas que justificassem os devidos avisos, particularmente a pessoas sem experiência sobre o que pode significar este tipo de violência.

Complexidades políticas

Nem, na verdade, teria sido necessariamente uma ajuda, pois a situação na Indonésia é extremamente complexa. Desde 1997, emergiram cerca de 70 organizações militantes islâmicas, quase todas mais preocupadas com assuntos locais do que com os temas mais globais que concentram as atenções da al-Qaida. Por outro lado, a taxa de criminalidade cresceu de forma espectacular, alimentado pelo colapso do regime de Suharto e pelos seus fracos sucessores, e por linhas de fractura nacionalistas, étnicas e religiosas. Os quatro

grupos islâmicos mais importantes não parecem dotados para um ataque deste tipo. O mais antigo, *Dar ul-Islam*, foi fundado nos anos 30 e, apesar de ter estado envolvido nas revoltas em Aceh, Sulawesi e Java, nos anos 40 e 50 – e de terem enviado elementos para o Afeganistão – é demasiado grande e está demasiado absorvido pela política interna para se lançar numa tal operação. A *Laskar Jihad*, uma criação muito mais recente, tem, é certo, alguns laços estranhos com partidos políticos, o exército e a polícia, mas sempre esteve activa sobretudo em Sulawesi, nas ilhas Molucas e em Ambon. De qualquer modo, o seu líder, Jaafar Umar Thalib tem estado detido – estranhamente, em Agosto, recebeu na prisão a visita de Haman Haz, vice-presidente indonésio – e anunciou recentemente a dissolução da sua organização. A *Frente de Defesa do Islão* é muito recente – surgiu com o colapso dos serviços de segurança no final da década de 90, e centra-se, ruidosamente, na aplicação da *sharia* em Jacarta e Java, e não em ameaçar turistas ocidentais.

Assim, resta a obscura *Jehad Islamiyya* de Abu Baker Ba‘asyir – que o próprio alega que nem sequer existe! Este grupo tem estado activo na Malásia, em Singapura e nas Filipinas e procura criar um Estado islâmico a partir deste três países e da Indonésia. Os indícios da sua actividade na Indonésia, no entanto, são reduzidos. Na verdade, os indícios de responsabilidade de um grupo indígena apontam mais para *gangs* criminais de Bali – predominantemente hindu, não muçulmana! – ou para a polícia, o exército ou a actividade política interna da Indonésia do que para uma organização terrorista milenarista. Existem mesmo alguns rumores de *complots* para derrubar o governo de Megatwatti, com provas da hostilidade que ela enfrenta por parte de personalidades tão próximas como o seu próprio vice-presidente. É certamente verdade que as autoridades indonésias têm tido muita relutância em aceitar a possível aparição destes grupos violentos, agindo contra Ocidentais. Agora, é claro, tal atitude mudou decididamente e existe uma nova e implacável legislação antiterrorismo – casa roubada, trancas à porta!

Os artigos surgidos na imprensa demonstram que os comentadores australianos estão conscientes destas possibilidades. Para os serviços de segurança, no entanto, a explicação é clara. Esta foi uma operação dirigida pela al-Qaida, organizada no exterior da Indonésia mas com informações locais. Usou os explosivos preparados para o ataque em Singapura, em Dezembro de 2001, e os executantes chegaram a Bali pouco tempo antes da explosão. Surgiram rumores de que teriam sido detidas duas pessoas, do Iémen e da Malásia, mas não foram confirmados. As autoridades indonésias têm sido muito cautelosas e as equipas britânicas, americanas e australianas têm-se pautado também pela discrição. É como se

as certezas incontestadas e as simplicidades do ano passado estivessem, finalmente, cara-a-cara com o complexo e ambíguo mundo da cultura e da política do sudeste asiático, substituindo por juízos mais ponderados as resposta e soluções instantâneas do passado. John Howard, bem conhecido pela sua especial atenção à opinião pública, parece já ter entendido isto e deixou cair a linguagem do intervencionismo arrogante. Se ao menos o presidente Bush e o primeiro-ministro Blair aprendessem a mesma lição – mas talvez a Coreia do Norte os possa ensinar!